UNEB-UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-CAMPUS IV GRADUAÇÃO EM LETRAS VERNÁCULAS

VANESSA DA SILVA ALVES

CIRCULAÇÃO DA LITERATURA AFRO BRASILEIRA DOS CADERNOS NEGROS AO PROJETO ENEGRESCÊNCIA

Jacobina- Ba

2018

CIRCULAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DOS CADERNOS NEGROS AO PROJETO ENEGRESCÊNCIA

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Departamento de Ciências Humanas, CAMPUS IV, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Letras Vernáculas, sob orientação da Profa. Dra. Elizabeth Gonzaga de Lima.

Jacobina-Ba

2018

CIRCULAÇÃO DA LITERATURA AFRO BRASILEIRA DOS CADERNOS NEGROS AO PROJETO ENEGRESCÊNCIA

Monografia apresentada à banca examinadora designada pelo curso de graduação em Letras Vernáculas, Licenciatura pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – *Campus* IV.

Aprovado em ___ de _____ de 2018.

Banca Examinadora:

_____

Profa. Dra. Elizabeth Gonzaga de Lima – UNEB (Orientadora)

_____

Profa. Ma. Fabiana da Silva Campos dos Santos - UNEB (Examinadora)

_____

Prof. Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho - UNEB (Examinador)

_____

Dedico este trabalho a minha família, por sempre acreditar em mim...

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado força e coragem para chegar até aqui.

Agradeço a minha amada mãe e a toda minha família, pelo apoio dado a mim para superar as dificuldades e não desistir, alcançando os meus objetivos em todas as etapas desse percurso.

Ao meu esposo Carlos Bispo Moreira Neto, pelo suporte, pela companhia e pela compreensão.

À minha orientadora, Prof.ª Dr.ª Elizabeth Gonzaga de Lima, por me aceitar como orientanda, pelos direcionamentos, orientação e pela disponibilidade em ajudar a concretizar com muita paciência e compreensão esse trabalho.

A todas minhas amigas adquiridas ao longo do curso, por sempre incentivar e apoiar o meu projeto.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar os modos de publicação, circulação e divulgação de textos literários de escritores (as) negros (as) a partir da série *Cadernos Negros* (1978- 2017) e do projeto coletivo *Enegrescência* (2014). Pretende-se examinar de que maneira as limitações impostas pelo mercado editorial tradicional fizeram com que escritores (as), que por muito tempo vêm sendo silenciados pelo cânone literário brasileiro, criassem estratégias para superar esses obstáculos por meio dos circuitos alternativos de publicação, como a internet e as redes sociais, que permitem a exposição das vozes afro-brasileiras e a disponibilização de seus textos. A pesquisa buscou compreender como esses circuitos proporcionaram, por um lado, o alcance de obras da literatura afro-brasileira que sempre estiveram à margem dos circuitos oficiais a um público leitor, e por outro, investindo em uma formação leitora sem estereótipos e preconceitos.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira, Circuitos Alternativos. Mercado editorial. Publicação.

ABSTRACT

The purpose of this work is to analyze the modes of publication, circulation and dissemination of literary texts of black writers from the series *Cadernos Negros* (1978-2017) and of Collective project *Enegrescência* (2014) It is intended to examine how the limitations imposed by the traditional editorial market have made writers ,Who for a long time have been silenced by the Brazilian literary canon, have created strategies to overcome these obstacles by means of alternative publishing circuits, such as the Internet and social networks, which allow the exposure of Afro voices and the availability of their texts. The research sought to understand how these circuits provided, on the one hand, the reach of works of the Brazilian literature that were always on the sidelines of the official circuits to one reader audience, and on the other, investing in a reader training or formation without stereotypes and prejudices.

Key words: Afro Brazilian literature; alternative circuits; Market Editorial; Publication.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....8

1. LITERATURA NEGRA OU AFRO-BRASILEIRA: 11

1.1. Literatura marginal x cânone ocidental 11

1.2. Por um conceito: literatura negra ou literatura afro-brasileira? 18

2. O LUGAR DE FALA: ESCREVENDO A SI E NARRANDO O OUTRO....23

2.1. Cadernos Negros: uma provocação.....25

2.2. Autoria e representação de si 29

3. LITERATURA NEGRA: MODOS DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO.....36

3.1. Circuitos alternativos: 36

3.2. Mercado editorial: versões e (im)pressões.....44

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....48

REFERÊNCIAS.....50

INTRODUÇÃO

O incentivo para esta pesquisa originou-se ao longo das aulas de Literatura e cultura afro-brasileira ao constatar o meu desconhecimento e de meus colegas em relação a vários escritores (as) negros (as), levando em consideração que esta ausência possui raiz histórica e cultural, fruto do sistema escravocrata que relegou a contribuição e a herança do povo negro africano à margem da cultura brasileira e da literatura também. Esses fatores foram essenciais para motivar uma investigação sobre a literatura afro-brasileira, seus autores, dificuldades e desafios. E um dos maiores desafios no que diz respeito a essa literatura reside na restrição do mercado editorial em relação à publicação das obras, o que levou (as) escritores (as) a buscar alternativas fora dos circuitos oficiais, como por exemplo, explorar os novos caminhos oferecidos pela internet.

O objetivo da pesquisa é analisar como funcionam os espaços de divulgação e de circulação para a produção literária dos negros (as). Mostrou-se necessário ressaltar alguns problemas que esses escritores enfrentam para serem aceitos no mercado editorial, já que o cânone literário brasileiro os silenciou e ainda os silencia, deixando-os à margem. Tal circunstância impede o reconhecimento da existência de uma literatura afro-brasileira produzida por negros e negras no Brasil. Para tentar esclarecer esta questão utilizamos as investigações de Zilá Bernd (2003) e de Eduardo de Assis Duarte (2008), alguns dos principais estudiosos dessa literatura, de sua marginalização e de sua falta de espaço no mercado editorial brasileiro.

Diante dessa constatação, a pesquisa investiga e analisa os circuitos alternativos que possibilitam o acesso a obras e autores que não são divulgados nos grandes circuitos oficiais, bem como as estratégias de produção, publicação e circulação de suas obras e os meios alternativos que eles encontraram para que isto aconteça. Esses modos de circulação, além de divulgar a literatura também formam um público leitor, oferecendo a eles um novo ponto de vista.

É notória a ausência de escritores negros (as) nas listas dos mais vendidos e divulgados nas grandes editoras brasileiras. Os (as) escritores (as) negros (as) encaram dificuldades para alcançar a inserção e o reconhecimento. Em virtude disso, os meios alternativos surgiram para oportunizar a esses autores e sua

literatura o conhecimento e reconhecimento do público leitor. Portanto, apresentamos e analisamos os circuitos alternativos a fim visibilizar e analisar as obras literárias que não conseguem chegar às editoras de grande distribuição, e por isso terminam não sendo encontradas nas livrarias e bibliotecas universitárias.

Os meios alternativos surgiram com o avanço e a democratização do acesso à internet. Nas últimas décadas os meios virtuais tornaram-se ferramentas de extrema importância para o (a) escritor (a) negro (a), a partir de blogs, sites e redes sociais, como Facebook e Instagram. Além de publicar nesses espaços virtuais, os (as) autores (as) promovem saraus e publicações coletivas, como a série **Cadernos negros** e as editoras Malê e Ogum's Toques Negros, que contribuem para a divulgação da escrita e da temática afro-brasileira.

Analisamos esses circuitos alternativos estratégicos para o escritor (a) afro-brasileiro (a) tendo como recorte a série **Cadernos Negros,** primeiro circuito alternativo criado como forma de divulgação literária negra, em fins de 1970, e que permanece até hoje fazendo circular os textos literários afro-brasileiros, e o **Projeto Enegrescência**, com origem nas páginas da web, em 2014**,** e tem como objetivo criar meios de divulgação da literatura afro-brasileira. Buscou-se refletir e compreender a contribuição dos circuitos alternativos como novas formas de exposição da literatura afro-brasileira, almejando sua visibilidade e divulgação das obras de negros (as) no mercado editorial.

A metodologia utilizada para a pesquisa foi bibliográfica, em livros e revistas. Em razão da lacuna de informações e trabalhos mais recentes, acrescentou-se à pesquisa em referências virtuais como artigos, entrevistas, notícias, o que levou o trabalho a consultar os circuitos alternativos, pois além de servir como meio de divulgação de obras literárias, converteram-se em ferramentas para discussão crítica e estudos voltados para a literatura afro-brasileira.

A pesquisa está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado, **Literatura Negra ou Afro-Brasileira,** buscamos discutir a marginalização da literatura afro-brasileira perante o cânone nacional, trazendo à tona o porquê da não aceitação dessa literatura e de que maneira os (as) negros (as) foram silenciados, ao participarem da literatura, não como protagonistas, e nem como sujeitos de seu próprio discurso, mas como objetos carregados de estereótipos. Além disso,

acionamos a discussão acerca da polêmica que gira em torno da terminologia mais adequada para nomear os textos produzidos por negros (as), utilizando como referência os estudos dos pesquisadores (as) Zilá Bernd (2003), Eduardo de Assis Duarte (2008) e Maria de Nazareth Fonseca (2006).

No segundo capítulo, **O Lugar de Fala: Escrevendo a Si e Narrando o Outro**, investigamos como os (as) escritores (as) afro-brasileiros (as) conseguiram um lugar de fala desde o século XIX, como Domingos Caldas Barbosa, Luiz Gama, Maria Firmina dos Reis, Solano Trindade. Na contemporaneidade, os **Cadernos Negros** são considerados um marco na Literatura Afro-brasileira ao se tornar em fins da década de 1970 um circuito alternativo editorial, um meio de falar sobre experiências literárias negras, cultura negra e assim descontruir os estereótipos disseminados pela Literatura Brasileira canônica. Desse modo, Os **Cadernos Negros** são de extrema importância para a divulgação da Literatura afro-brasileira, assim como uma forma de resistência. Nesse capítulo tratamos também de pesquisar como o sujeito negro se autorepresenta na literatura afro-brasileira, combatendo os preconceitos, tomando para si o poder de fala que antes era concedido somente aos brancos. As vozes negras aumentaram o empoderamento do próprio discurso ao asssumir o papel de sujeito. Para embasar esse estudo, usamos como referência os estudos de Frantz Fanon (2008), Cuti (2010), Aline Costa (2008), Florentina Souza (2006) e Elizabeth Lima (2014).

No terceiro e último capítulo, **Literatura Negra: Modos de Produção e Circulação,** a partir dos estudos de Cuti (2010), David Alves (2014), Taise Santos (2015) e Vagner Amaro (2016) analisamos os suportes de publicação do **Projeto Enegrescência** e das Editoras Ogum's Toque Negros e Malê, como os mais significativos suportes na contemporaneidade, que estão se consolidando como circuitos alternativos de grande relevância para os escritores (as) afro-brasileiros (as) e para divulgação e circulação de suas obras e ainda formando uma nova geração de leitores destituídos de estereótipos e preconceitos.

1. LITERATURA NEGRA OU LITERATURA AFRO-BRASILEIRA:

1.1. LITERATURA MARGINAL X CÂNONE OCIDENTAL.

Discutir a formação de um cânone é sempre um assunto polêmico que suscita muitas discussões, uma vez que refletir sobre o cânone é pensar em seleção. A legitimação e a autoridade são algumas características canônicas que norteiam as inclusões e exclusões de obras, possuindo o poder de determinar os tipos de textos que devem representar a Literatura do país, logo, precisamos entender o processo de legitimação e seleção de determinadas obras, em virtude de ser um ato pensado pelo grupo dominante, detentor do poder, que tem como consequência a exclusão de obras literárias escritas, por exemplo, pelos afro-brasileiros (as) no Brasil,

Harold Bloom (1995), no seu livro *O Cânone Ocidental* afirma a necessidade da existência de listas de obras consideradas canônicas porque não há tempo suficiente para lermos todos os livros, por isso, é preciso haver uma seleção. Mas é a partir desta seleção que surge a inquietação quando se observa as obras selecionadas para edificação da literatura canônica: Quais são os critérios utilizados?

A exclusão de escritores (as) afro-brasileiros (as) do cânone brasileiro existe em virtude do processo histórico da colonização e da escravização de milhares de negros e negras, por mais de três séculos, erguendo assim um país patriarcal, ancorado na ordem masculina que tem vitimado as mulheres através de inúmeras violências, além do preconceito e do silenciamento. E quando se trata de mulheres negras a questão é mais grave e complexa, como aponta Heloisa Toller Gomes (2018):

> A escrita afrodescendente de mulheres advém de culturas estilhaçadas pela diáspora, pelo colonialismo e pela discriminação sócio-econômica nas sociedades coloniais e pós-coloniais. Mostra-se, assim, cortadas e recortadas na violência das fragmentações e ruturas. Convivendo com a realidade do racismo e do preconceito, ela tem sido sujeita à marginalização, ao deconhecimento e à desvalorização intelectual, por vezes dentro da própria comunidade negra. Não obstante, carrega em si a positividade de um projeto cultural.

A mulher negra sofre em todas as instâncias da sociedade, mas no âmbito da literatura a sua exclusão é mais perceptível. Por isso, a escrita se tornou muito importante para os afro-brasileiros como forma de denúncia, uma ferramenta para lutar contra o preconceito e o racismo, uma vez que, o fim da escravidão foi tardio e não houve nenhuma organização de políticas públicas que inserissem esse contingente de ex-escravizados e as consequências foram inúmeras. Após décadas, o povo negro continua sofrendo com os resquícios deixados pela escravização apesar do negro e da negra também serem responsáveis pela formação da cultura, identidade e etnicidade brasileira, as contribuições do povo africano estão por todas as partes, mas pouco apresentada, comentada e valorizada. O que realmente está marcado é a segregação étnica racial implicitamente disfarçada para não desmentir ou desestruturar o mito da democracia racial. Diferente dos Estados Unidos e África do Sul o " 'apartheid' brasileiro continua invisível", afirma o pesquisador Doranco (2006).

A ideia de democracia racial no país ajudou e continua a auxiliar a encobertar o racismo e o preconceito, já que vivemos em uma nação cuja visão idealizada de um passado harmonioso entre os grupos étnicos continua a circular até hoje, mesmo após o enfraquecimento da teoria da democracia racial.

A população negra tem menos oportunidade em todas as esferas da sociedade brasileira, consequências da história escravocrata, como por exemplo, as dificuldades impostas pelas editoras para a publicação de obras produzidas por escritores e escritoras afrodescendentes.

As seleções de obras para publicação e constituição da literatura brasileira estão relacionadas a vários critérios estéticos os quais estão ligados aos grupos sociais hegemônicos: patriarcal, rico, hetero, branco e cristão. Como sabemos, a escrita é poder, no momento em que se encontra articulada com ideologia de uma determinada sociedade, esta subsidia a dominação social. Como postula Roberto Reis (1992, p.4):

> o conceito de cânon implica em princípio de seleção (e exclusão) e, assim não pode se desvincular da questão do poder: obviamente, os que selecionam (e excluem) estão investidos da autoridade para fazê-lo e o farão de acordo com os seus interesses (isto é: de sua classe, de sua cultura, etc.)

Para Reis, a ideia de cânone nas artes em geral e na literatura é muito restrita tanto as obras-primas quanto o público consumidor.

> cânon significa um perene e exemplar conjuntos de obras- os clássicos, as obras-primas dos grandes mestres-, um patrimônio da humanidade (e hoje, percebemos com mais clareza, esta "humanidade" é muito fechada e restrita) a ser preservado para as futuras gerações, cujo valor é indispensável. (1992, p.4)

Para entendermos como se constituiu o cânone brasileiro é necessário entender a construção de um sistema literário nacional que se inicia a partir do século XVI. Segundo, Antônio Candido, foi a partir da independência do país e do movimento romântico que surgiram as primeiras manifestações literárias, juntamente com surgimento dessas manifestações nasce o sentimento nacionalista que brotou muito forte no Romantismo com o desejo de criar uma literatura própria e com poucas influências europeias. A valorização dos símbolos nacionais, a natureza e o índio, tornam-se mitos fantasiosos, como assinala Zilá Bernd em *Literatura e identidade nacional*:

> No Brasil, o romantismo realizou uma revolução estética que querendo dar à literatura brasileira o caráter de literatura nacional, agiu com força sacralizante(...), trabalhando somente no sentido da recuperação de seus mitos. (BERND, 2003, p. 20)

O índio ganha uma imagem inventada, o negro aparece como objeto permeado por estereótipos, sendo apagado totalmente da tentativa de criar uma identidade e uma literatura nacional. Em alguns momentos históricos, a literatura fabrica palavras excludentes, ocultando e inventando uma representação do outro. Nos romances, isto é bastante palpável, como pode-se observar em *O guarani* de José Alencar, ao desconsiderar a contribuição de outras culturas na constituição da identidade nacional.

A ideia de nação já vinha ocorrendo em outros países, principalmente no continente europeu. Benedict Anderson, em *Nação e Consciência Nacional* defende a ideia de nação imaginada, a qual representa um conjunto, ou seja, uma comunidade constituída pela língua, elemento que interligam os membros pertencentes a comunidade, "nação é uma comunidade política imaginada" (1989, p. 14)

A imprensa tem um papel importante para a formação da nacionalidade, segundo Anderson, nela circula as histórias selecionadas que lhe convém,

responsáveis pela criação da comunidade imaginada, apagando as que não convêm. Nesse sentido, o discurso de nação cria imagens na mente dos receptores construindo uma identidade.

O discurso de nacionalismo brasileiro ganha força no século XIX com o Romantismo, logo, os romancistas tinham o papel de criar símbolos que ligassem imaginariamente os membros e enraizassem o sentimento de pertencentes a uma nova nação. O indianismo surgiu como uma corrente do Romantismo responsável por idealizar a figura do índio e torná-lo um símbolo nacional.

O romantismo surge para atender as necessidades da burguesia, por isso as obras são romantizadas e europeizadas, com a intencionalidade de formar uma identidade e consciência nacional, provocando o silenciamento do povo e a valorização eurocêntrica. José de Alencar foi autor de grandes clássicos do indianismo, sendo uma figura muito influente, com seus projetos indianistas e políticos voltados para a construção da identidade nacional.

Nas obras *O guarani* (1857) e *Iracema* (1865), o autor traz a relação dos casais protagonistas para representar o início da mestiçagem nacional. No primeiro, temos o índio Peri, que deixa seu povo para servir a Ceci filha de D. Antônio de Mariz, português e no segundo, a índia Iracema e o português Martim Soares Moreno.

Em ambos romances a descrição do ambiente é constituída por uma linguagem poética e romântica. A exaltação da natureza torna-se uma característica principal das obras indianistas. José de Alencar tenta explicar a origem da mestiçagem brasileira, tendo o índio como o elemento diferenciador do Brasil em relação às outras nações, escolha que se consolida no imaginário coletivo deixando de fora o negro, em razão de:

> O negro não podia ser tomado como assunto, e muito menos como herói [...] porque representava a última camada social. [...] Numa sociedade escravocrata, honrar o negro, valorizar o negro, teria representado uma heresia. (SODRÉ, 1995, p.268 *apud* SILVA)

A literatura nacional e “independente” tem como característica o ato de seleção e exclusão. E os critérios de seleção estão mais ligados às posições políticas e sociais. E nesse sentido, as produções femininas e negras são vistas como inferiores, uma visão utilizada como forma de dominação do branco em

relação ao negro, tornando a representação hegemônica no qual as diferenças ficam à margem.

Zilá Bernd (2003) ressalta que a literatura sempre se manteve concentrada nas mãos das elites, desse modo, sempre houve o processo de manipulação e interesse, tanto em relação ao sucesso quanto ao esquecimento.

Contudo, o Brasil é um país predominantemente negro, mas o cânone literário é eminentemente branco, logo, é evidente na história da literatura brasileira a carência de textos literários de autoria negra, uma vez que o cânone está apoiado nas ideologias históricas que se perpetuam até hoje, deixando de fora da constituição, da nacionalidade e da história da literatura nacional muitas vozes afro-brasileiras. Existem poucos representantes do povo negro que conseguiram romper o bloqueio imposto pelo cânone e ainda se tornaram canônicos, como Luiz Gama, Cruz e Souza, Lima Barreto e Machado de Assis. Em entrevista ao site “Vinte cultura e sociedade”, Ricardo Riso (2014) afirma que, “Os poucos que são aceitos, casos de Machado de Assis, Cruz e Sousa e Lima Barreto, têm suas vivências de negros completamente excluídas das análises literárias. São embranquecidos”. A inclusão de autores negros não acontece voluntariamente, para isso, sofrem o embranquecimento como o escritor Machado de Assis, Cruz e Sousa que teve sua poesia embranquecida, suas histórias de vida são apagadas e outras são desqualificadas, como a de Lima Barreto tratado como louco e bêbado.

Conforme Antônio Candido (2000) em sua obra *Formação da literatura brasileira*, a literatura brasileira se configura a partir do século XVIII e XIX, com o Romantismo. Para conseguir a classificação de texto literário e para tornar-se canônico era necessário dois critérios, configurando assim o sistema articulado, ou seja, completar o processo autor-obra-público e possuir o elemento da tradição.

A literatura brasileira, segundo Candido, era configurada pela construção da realidade local, produzindo a ideia de nação por meio de uma linguagem literária universal e ao mesmo tempo diferenciando da literatura produzida na Europa pela característica do projeto de nacionalidade, retratando elementos próprios do país.

No século XX e XXI, as instâncias oficiais passam a perpetuar a exclusão de obras escritas por negros (as), por meio das histórias literárias, jornais, revistas, universidades, livros didáticos, perpetuando assim as obras selecionadas nos séculos anteriores e ditando obras consideradas de literatura e quais fariam parte do cânone nacional a partir de sua visibilidade nessas instâncias de legitimação.

Sendo assim, os negros não podiam contar com nenhuma das instâncias de legitimação da época, a publicação realizada pelos autores era a única maneira de edição com recursos próprios, dificultando a circulação por ser em número menor de edição, conforme Zilá Bernd:

> O que se constata, portanto, é uma produção literária que não encontra apoio nas instâncias de legitimação, como: as editoras: as grandes editoras não editam os autores negros, o que leva a edições quase artesanais; a crítica: em geral, os críticos literários negligenciam esta produção e, muitas vezes, sem conhecê-la, consideram-na como de terceira categoria [...]; os prêmios literários e as academias: faltando as duas instâncias anteriores, dificilmente uma obra chega a receber prêmios ou seu autor ser recebido em academias literárias; as livrarias e as bibliotecas: nenhuma livraria vende livros que não possuem fino acabamento editorial; o público: as obras não entram no circuito; logo o público consumidor é muito restrito, limitando quase que exclusivamente ao grupo interessado. (BERND, 1984 *apud* Marcelino).

Luiz Gama, Cruz e Souza, Lima Barreto algumas vezes são indicados nos vestibulares e também são encontrados em livros didáticos, mas não são estudados em função das qualidades estéticas e não são postos em discussão criticamente, sofrendo a invisibilização devido à condição de serem negros. Mas ainda assim, a conquista desse espaço não foi de uma hora para outra, os questionamentos e reivindicações sobre a ausência de autores negros (as) nessas instâncias foram sendo desenvolvidas ao longo do tempo e ganharam força para questionar o cânone nacional. A situação é mais crítica quando se trata de literatura produzida por mulheres negras, como no caso de escritoras como Maria Firmina do Reis e Carolina Maria de Jesus.

Escritores e escritoras negras já conhecidos no mercado editorial trabalham arduamente para serem reconhecidos no país. Lutam o tempo todo contra a invisibilidade. As dificuldades desses autores e autoras são maiores quando a temática é étnico-racial, pois vários obstáculos são erguidos para que não se publique. Como postula Reis (1992), não resta dúvida de que há um processo de escolha e exclusão na canonização de escritores e obras. Sendo assim, o problema não está na lista dos cânones da literatura e sim na ação canonizadora vinculada ao poder, por isso faz se necessário problematizar sua historicidade, e questionar quem articulou o cânone e os critérios utilizados, como assinala Reis:

> O cânon é um evento histórico, visto ser possível rastrear a sua construção e a sua disseminação. Não é suficiente repensá-lo ou revisá-lo, lendo outros e novos textos, não canônicos e não canonizados, substituindo os “maiores” pelos “menores”, os escritores pelas escritoras, e assim por diante. Tampouco basta- ainda que isto seja extremamente necessário (...) (REIS, 1992, p.8)

As escolhas, em suma, estão vinculadas às questões políticas, assim é questionável a existência do cânone e se realmente é importante, já que classificar algo como literatura é extremamente instável, pois o valor é passageiro, variando de acordo com o tempo. Portanto, a atitude de selecionar obras literárias que agradem apenas um grupo específico, deixou à margem muitos escritores (as) negros (as).

E quando se fala de gostos literários não há um consenso, quando surge uma lista de melhores escritores ou melhores obras de uma determinada época. O ranking dos “melhores”, de fato, indica os melhores para determinadas pessoas. Marcia Abreu em *Cultura Letrada: Literatura e Leitura* observa o valor social como critérios de classificação de textos.

> [...] na maior parte das vezes, não são critérios linguísticos, textuais ou estéticos que norteiam essa seleção de escritos e autores. Dois textos podem fazer uso semelhante da linguagem, podem contar histórias parecidas e, mesmo assim, um pode ser considerado literatura e outro não. (ABREU, 2006, p.39)

Segundo a estudiosa, os elementos extralinguísticos são também responsáveis em tornar um texto literário, como exemplo, a valorização dada pelas instâncias de legitimação influenciadas pelos posicionamentos políticos, ideológicos e sociais: “A literariedade vem também de elementos externos ao texto, como nome do autor, mercado editorial, grupo cultural, critérios críticos em vigor”. (ABREU,2006, p.41).

Essa realidade é vivenciada pelos escritores e escritoras negras que lutam constantemente contra as repressões às manifestações literárias que provocam no sistema. Nas últimas décadas surgiram movimentos e ações afirmativas como estratégias para destruir os obstáculos impostos, e aos poucos conquistam um pequeno espaço em instâncias legitimadoras, como as universidades, por meio da Lei n. 10.639/03, substituída pela 11.645/10, que obriga todas as escolas brasileiras da educação básica, privadas ou públicas, a incorporar em sua matriz curricular a

diversidade étnica do país. Como consequência, aos poucos, estamos conhecendo autores e obras afro-brasileiros (as) que antes eram excluídos do mundo acadêmico.

Excluir o cânone ou abri-lo para acrescentar escritores ou escritoras negras não é a solução, mas assegurar um espaço de diversidade de textos e de leituras que garanta o lugar do outro, como afirmou Abreu (2006). É preciso analisar e estudar também textos não canonizados, pois são importantes para alguns grupos, como forma de reflexão sobre sua cultura e sobre o outro, já que a literatura possui suas crenças e juízos de valores e são para Eagleton (2006) variáveis historicamente. Os juízos de valores possuem uma relação intima com as ideologias sociais, as quais se referem a certos grupos (brancos) ao exercerem e manterem o poder sobre outros, no caso brasileiro, o negro e o índio.

1.2. NEGRA OU AFRO-BRASILEIRA?

Quando se trata de textos produzidos por negras e negros no Brasil surge a questão, qual conceito utilizar para conceituar a literatura produzida por esses escritores e escritoras? Mas antes é necessário discutir o que denominamos Literatura.

Definir o que é literatura é algo complexo. Terry Eagleton observa: “O que mais importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas a consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura”. (EAGLETON, 2006, p. 9).

Dessa forma, o valor dado a obra não está no texto, mas na visão de mundo de quem lê. Para Eagleton (2006), a literatura não pode ser definida objetivamente porque o significado está acoplado à maneira pela qual alguém resolve ler e não a qualidade daquilo que é lido. Quando um texto é valorizado ele é considerado literatura.

A palavra “valor” é transitória, e muda de acordo com as pessoas, as situações, os critérios e os objetivos. Logo, definir o que é Literatura e rotular algo como literatura é muito incerto. Como aponta Márcia Abreu (2006, p.41), “a literatura varia, pois, ela é um fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições em distintas épocas e por diversos grupos sociais”. Assim, definir literatura vai além de um conceito, está arraigada a seleção e exclusão,

objetivando a separação de alguns textos escritos por alguns autores dos conjuntos de textos em circulação.

Segundo Abreu (2006), os grupos sociais e culturais possuem um conceito sobre o que é literatura, tendo seus critérios de avaliação e de valor ligados a ideologias enraizadas com o poder da sociedade. Assim, a literatura não é objetiva e universal, mas cultural e histórica, o que torna muito complexo, se não impossível definir a arte da palavra, pois conforme Cuti, “A literatura, em suas inúmeras tentativas de definição e conceituação, constitui uma das instâncias discursivas mais importantes, pois atua na configuração do imaginário de milhões de pessoas”. (2010, p. 48).

Como expressão artística a literatura também é uma ferramenta de poder ao disseminar imagens e conceitos acerca do “eu” e do “outro”. Em relação ao negro e a negra, desde o início da literatura nacional à literatura brasileira contemporânea, as diferenças negativas em relação aos grupos minoritários continuam arraigadas no discurso sobre o outro, reverberando em uma identidade ligada à submissão e à inferioridade.

A vertente literária do indianismo romântico foi responsável pelo apagamento de grupos étnico-raciais como os africanos e por construir o índio de maneira europeizada. Logo, a concepção de um país em que a relação entre as etnias foi apresentada de forma harmoniosa, terminou por esconder a realidade na qual o indígena e africano sofriam violências brutais, que deixaram marcas irreversíveis nesses povos.

Esse movimento na literatura brasileira em canonizar as obras responsáveis em construir o nacionalismo brasileiro também criou a ideia de nação que ignorava os problemas sociais, desvelando desde o século XIX a desigualdade étnica, perpetuando assim o racismo. Por muito tempo o corpo negro foi “violado” através do processo da escravização e ainda hoje pelas “relações raciais”.

No decorrer da história, os negros (as) criaram formas de resistência como a dança, a culinária, a religião, a música etc. Essas referências não são um problema para a elite brasileira reconhecer como influências importantes para a cultura brasileira, porém, quando o assunto é literatura, a elite letrada termina por negar a presença de uma literatura afro-brasileira escrita por negros e negras:

> Se, por um lado, tanto as elites letradas como o povo, dono de outras sabedorias, não revelem dificuldade alguma em reconhecer, e mesmo em distinguir, os referenciais negros em vários produtos culturais brasileiros, quando se trata do campo literário, cria-se um impasse que vai da dúvida à negação. (EVARISTO, 2009, p. 19)

A literatura afro-brasileira é um campo de atuação muito importante para o negro, pois o negro ao se apropriar da escrita permite sair da posição de objeto para assumir a de sujeito de seu discurso dentro de uma sociedade que fez questão deixá-lo à margem, tornando assim a escrita uma ferramenta de resistência.

As diferentes funções sociais que a literatura possui, como a denúncia social explícita ou implícita, constrói uma literatura engajada, um contradiscurso. A "literatura negra" e a "literatura afro-brasileira" estiveram representadas desde o século XVIII, com autores como Domingo Caldas Barbosa, Solano Trindade, Lima Barreto, Luiz Gama e Maria Firmina dos Reis, porém sem visibilidade na sociedade. A literatura afro-brasileira ou negra não é inferior à literatura brasileira canonizada, mas possui características que a diferencia, como por exemplo, o comprometimento com as aflições da população negra que desde a colonização foi deixada à margem ou mesmo esquecida.

Dentre os estudiosos que defendem uma nomenclatura para a literatura que representa os (as) negros (as), a pesquisadora Zilá Bernd (2003) considera a existência de uma literatura negra, que se distingue da literatura que o negro é somente temática:

> aquela onde emerge uma consciência negra, ou seja, onde um "eu" enunciador assume uma identidade negra, buscando recuperar as raízes da cultura afro-brasileira e preocupando-se em protestar contra o racismo e o preconceito de que é vítima até hoje a comunidade negra brasileira, apesar de passados mais de cem anos da abolição da escravatura. (BERND, 2003, p.113-114)

O "eu enunciador" que se quer negro, não necessariamente de pele negra, passa a assumir uma posição política e ideológica a favor do grupo afro-brasileiro, ocasionando uma mudança no discurso hegemônico, tornando um marco importante, em consequência da nova fala sobre o negro (a).

Cuti (2010), escritor negro e estudioso do tema, defende o uso da expressão "literatura negro brasileira". Segundo ele, a denominação "afro-brasileira" não necessariamente o autor deve ser negro, logo, abrange pessoas não negras, as

quais o racismo não atinge, não possuindo a experiência da discriminação vivida, características essenciais para a produção de literatura negra.

Em contraposição, para Eduardo de Assis Duarte a denominação “literatura afro-brasileira” é um conceito em construção e o mais adequado. O estudioso ressalta a legitimidade que este termo ganha neste século, possuindo suas características próprias, mas sem deixar de dialogar com a literatura brasileira canônica. Duarte justifica sua escolha ao afirmar:

> Vejo no conceito de *literatura afro-brasileira* uma formulação mais elástica (e mais produtiva), a abarcar tanto a assunção explícita de um sujeito étnico- que se faz presente numa série que vai de Luiz Gama a Cuti, passando pelo “ negro ou mulato, como queiram”, de Lima Barreto-, quanto a dissimulado lugar de enunciação que abriga Caldas Barbosa, Machado, Firmina, Cruz e Souza, Patrocínio, Paulo Brito, Gonçalves Crespo e tantos mais. Por isto mesmo, inscrever-se como um operador capacitado a abarcar melhor, por sua amplitude necessariamente compósita, as várias tendências existentes na demarcação discursiva do campo identitário afrodescendente em sua expressão literária. (DUARTE, 2011, p. 6, grifos do autor)

Mas por ser um conceito que possui certa amplitude, causando discussões polêmicas, Duarte cita características que identificam o texto pertencente ao grupo literário afro-brasileiro: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e por fim o público, ligados entre si serão essenciais para existência de tal literatura.

A temática como o primeiro elemento de construção para a literatura afro-brasileira, atributo que abarca o sujeito afrodescendente, mas também seu universo (cultural, religioso, histórico, presente e futuro). Além disso, a temática pode estar presente nos textos produzidos por brancos, são necessários outros elementos como a autoria para diferenciá-lo de obras que tratam o negro apenas como objeto.

O estudioso salienta a controvérsia que gira em torno do segundo elemento que é a autoria, chamando a atenção para o que torna essencial o discurso e não os dados exteriores como a cor da pele. Esse fator é importante para o texto sobre uma “história própria ou coletiva” (DUARTE, 2011, p. 9). E para a autoria pertencer a “literatura afro-brasileira” é necessário estar entrelaçada ao ponto de vista e vinculada à visão de mundo do autor, indicando ainda seus valores arraigados às ideologias no âmbito de uma afro-brasilidade, distinta do mundo branco.

E como penúltimo elemento e não menos importante, está a linguagem, que caracteriza um texto literário em relação à cultura de um povo, ou seja, vocabulários oriundos da África que fornecem outros significados a termos utilizados como pejorativos que circulam em muitos textos literários, ou seja, uma linguagem compromissada com a população oprimida.

Duarte conclui seus elementos com o público, que anseia por afirmação identitária, a procura de uma literatura que reverta os valores, deste modo, este elemento é fundamental para a literatura afro-brasileira, sendo uma porta voz dos grupos oprimidos, através de circuitos alternativos como saraus e blogs. São, portanto, esses cinco elementos que constroem a "literatura afro-brasileira", porém Duarte adverte: "(...) que nenhum desses elementos propicia o pertencimento à literatura afro-brasileira, mas sim o resultado de sua interrelação." (DUARTE, 2011, p. 15)

Em L*iteratura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica?* Maria Nazareth Soares Fonseca discute as duas denominações "literatura negra" e "Literatura afro-brasileira" tentando responder à polêmica levantada por esses termos. A autora apresenta três definições para a literatura produzida por negros (as), essas expressões são vistas de forma problemática por alguns críticos, mas ela também ratifica que alguns teóricos afirmam a necessidade da particularização, pois, muitos escritores (as) negros (as) não são (re)conhecidos dentro da literatura brasileira. Maria Nazareth Fonseca defende denominações como:

> [...] a denominação "literatura negra", ao procurar se integrar às lutas pela conscientização da população negra, busca dar sentido a processos de formação da identidade de grupos excluídos do modelo social pensado por nossa sociedade. Nesse percurso, se fortalece a reversão das imagens negativas que o termo "negro" assumiu ao longo da história. Já a expressão " literatura afro-brasileira" procura assumir as ligações entre o ato criativo que o termo "literatura" indica e a relação dessa criação com a África. (FONSECA, 2006, p. 23-24) .

O enfrentamento sobre a questão da identidade cultural que a expressão "literatura negra" fez circular com maior intensidade, ao mesmo tempo em que as produções de negros e negras discutiam a denominação "literatura negra" em um país que se identifica mestiço. Já a expressão "literatura afro-brasileira" busca a restauração dos acervos da memória dos povos africanos, unindo as identidades da

África e do Brasil, criando assim uma ligação entre ambas, matrizes culturais africanas e as raízes culturais brasileiras, construindo a partir desse encontro manifestações afro-brasileiras que representam o processo de hibridismo cultural, como salienta a pesquisadora Elizabeth Lima (2014).

Discutir qual terminologia usar e não chegar a um consenso revela a dificuldade da sociedade brasileira em "lidar com a própria imagem." (FONSECA, 2006, p. 38), como afirma a estudiosa, pois a expressão literatura afro-brasileira circula com maior frequência, sinalizando uma forma de aceitação da pluralidade como característica principal da cultura brasileira.

Conforme Cuti discute em *Literatura Negro-Brasileira: Consciência em debate,* no capítulo "negro ou afro não tanto faz", é preciso fazer uma escolha e não usar o termo "tanto faz". É necessário optar por um conceito, e para isso é preciso conhecer o que esse traz em seu arcabouço. É complexo selecionar uma definição e afirmar que tal escolha é a ideal para nomear essa produção literária, pois cada uma das nomenclaturas, literatura negra ou literatura afro-brasileira têm suas definições próprias. O que realmente importa é o objetivo dessa escrita que apresenta características de consciência e de pertencimento étnico-racial ao trazer à tona as diferenças socioculturais do nosso país.

O que realmente importa é o papel da literatura enquanto lugar de fala para as camadas populares, dos oprimidos, permitindo-os reavaliar sua identidade, deixando de ser objeto, tornando sujeito de seu próprio discurso e não mais representado pelo outro (classe dominante).

2- O LUGAR DA FALA: ESCREVENDO A SI E NARRANDO O OUTRO

Apesar da formação do cânone e da historiografia literária brasileira invisibilizarem e silenciarem a literatura produzida pelo negro, é possível reconhecer sua riquíssima contribuição para a cultura brasileira, com suas memórias e seus textos literários que até algumas décadas atrás não eram reconhecidos. Graças alguns pesquisadores e estudiosos, como Zilá Bernd, Domício Proença Filho, Maria Nazareth Fonseca, Eduardo de Assis Duarte e Luiz Silva (Cuti) e lutas constantes

através de ações afirmativas estão sendo conquistados espaços que antes eram apenas de brancos.

E para conseguir um lugar de fala, o percurso foi trilhado há alguns séculos atrás, intensificando após o fim da escravidão, conforme assinala Elizabeth Lima (2014, p.56):

> Com o fim da escravidão em 1888, intensifica-se a presença de escritores negros na cena brasileira, a atividade intelectual desses, de porta voz das minorias frente às injustiças e dissonâncias da sociedade à qual pertencem, realiza um enfrentamento a esta mesma sociedade, como também aponta caminhos.

Grandes nomes da história da literatura afro-brasileira ajudaram a trilhar esse percurso, como Domingos Caldas Barbosa (1738-1800), com sua linguagem literária influenciada pela camada popular brasileira, cuja obra mais conhecida foi *Viola de Lereno* (1798). Luiz Gama (1830-1882), com sua obra *As Trovas burlescas* (1859), nesse mesmo ano Maria Firmina dos Reis escreve o romance *Úrsula*, considerado o primeiro romance afro-brasileiro. Joaquim Maria Machado de Assis (1839- 1908), escritor de contos, crônicas e romances como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), a ironia, sarcasmo são características comum em sua escrita. Cruz e Sousa (1861- 1898) denuncia “poeticamente o preconceito e a discriminação em relação ao negro no mundo das letras” (LIMA, 2014, p. 56). Lima Barreto (1881-1922) denunciando o preconceito através do romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909). Lino Guedes (1897- 1951), o percursor da negritude na poesia brasileira, (Lima, 2014). Solando Trindade (1908-1974), participante de diversos movimentos culturais e negros, disseminando a importância da cultura negra no Brasil e por último, Abdias Nascimento (1914- 2011), criador do Teatro experimental do negro (TEN).

Esses são alguns sujeitos que conseguiram ultrapassar as barreiras impostas pelo racismo, porém, infelizmente outros tantos não foram reconhecidos ao longo da história, por vários motivos, como publicações que ficaram restritas apenas aos seus estados. Quando falaram sobre o negro incomodaram o grupo dominante ao ponto de serem silenciados e deixados à margem para o esquecimento. Mas essas lacunas incomodam alguns estudiosos, trazendo à tona descobertas de

produções para a construção da memória literária afro-brasileira. Como bem assinala Lima (2014, p.67): “Dessa maneira as lacunas, os vazios continuam desafiando leitores e estudiosos dessa produção para um mergulho nesse universo prenhe de reconfigurações do imaginário cultural africano”.

Na contemporaneidade os *Cadernos negros* lançados em 1978, são considerados um “marco no ingresso na literatura afro na contemporaneidade” (LIMA, 2014, p. 67). Configurando-se como um circuito editorial alternativo para os escritores (as) afro-brasileiros.

2.1. CADERNOS NEGROS: UMA PROVOCAÇÃO

O texto intitulado “Um pouco de história dos Cadernos Negros”, produzido por Aline Costa, lançado em comemoração aos trinta anos dos *Cadernos Negros*, conta a trajetória da série, sendo apresentadas as influências que constituíram a existência dos *Cadernos*.

Os *Cadernos Negros* existem há quarenta anos, a publicação das antologias acontece anualmente. A primeira edição dos *Cadernos* foi lançada em 1978, em um período de muitas mudanças com o fim da ditadura militar em 1964. Os movimentos estudantis passavam por uma reconstrução e estavam ganhando força. Em 1978, comemorava-se os noventa anos da Lei Áurea, paralelamente, muitos países africanos de língua portuguesa ganharam sua independência com o fim das guerras coloniais. Nos Estados Unidos da América surgiam movimentos como *Black Panthers* e o *Black Arts Moviment* e no Brasil o MNU (Movimento Negro Unificado). Esta época também foi marcada por uma presença maior de negros frequentando a universidade. São nesses espaços que os grupos negros criaram seus próprios meios alternativos de comunicação. Momento marcado pelo o engajamento político, busca de identidade e necessidade de autorreconhecimento.

O acesso aos bens culturais pelos jovens afro-brasileiros era difícil, com exceção dos universitários, mas estes também se deparavam com a imensa falta de representação de si, de seu povo e de sua cultura na literatura e na história da literatura. Surgindo o questionamento e evidentemente a resposta que estava

explícita, “O negro não é escritor por quê? Porque não tem oportunidade de escrever” (COSTA, 2008, p. 23).

Em meio às dificuldades, os jovens continuaram resistindo. Cuti, um desses jovens universitários, defendeu uma literatura na qual se poderia colocar as experiências vividas pelos negros e a partir de olhares diferentes dos vistos na literatura tradicional escrita apenas por brancos e para brancos, pois nela o negro e a negra não eram representados e nem tão pouco valorizados, sendo apenas tratados como objetos.

Nasce, nesse contexto, os *Cadernos Negros* de forma cooperativa e sem patrocínio. Segundo Hugo Ferreira um dos fundadores, o nome foi dado em consequência da morte de Maria Carolina de Jesus em 1977, pois a característica principal de criar de Carolina era a escrever em cadernos, como a dele e a de Cuti também criador.

Havia encontros entre os escritores participantes nas produções dos cadernos para discutir os textos que seriam publicados como as obras de Solano Trindade e Lima Barreto. Desses encontros surgiu a ideia de nomear o grupo de discussão com *Quilombhoje.*

A divulgação dos *Cadernos negros* foi muito importante para a história, a sociedade e a literatura afro-brasileira. Por isso a luta tornou-se constante para os *Cadernos* permanecerem vivos e em circulação como meio alternativo, tanto para autores que desejam escrever sobre suas vivências, construir sua identidade e descontruir estereótipos, quanto para o leitor que almejava uma representação positiva. Conforme Duarte (2015), os *Cadernos Negros* é um espaço em que se pode encontrar:

> Falas e reflexões empenhadas em desconstruir as verdades brancas tidas como universais e que se faz presente na ante cena de poemas e narrativas diaspóricas a que se vinculam os escritos afro-brasileiros. Já estes se propagam país afora em inúmeras iniciativas individuais, que, mais tarde, vão encontrar nos Cadernos um espaço de convergência e um meio de difusão e de arregimentação de novos leitores.

Aos poucos os *Cadernos* foram sendo reconhecidos, como ilustra, por exemplo, a publicação da antologia em inglês nos Estados Unidos da América e “ser um material e objeto de pesquisas acadêmicas no Brasil e fora dele” (COSTA, 2008,

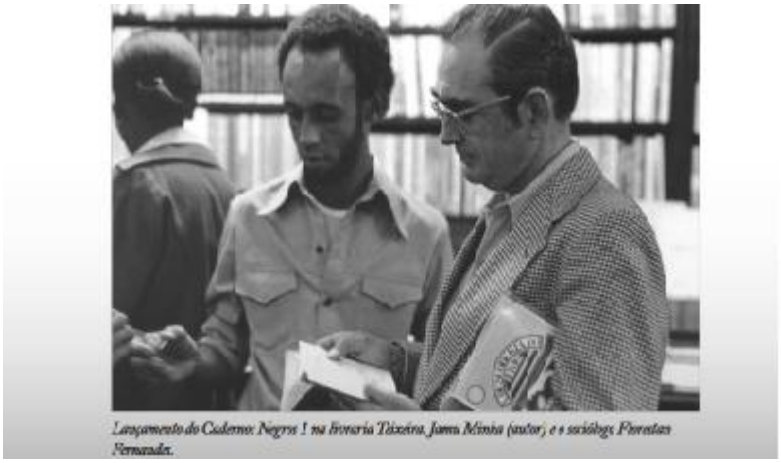
p. 39). Os *Cadernos Negros* são como armas de lutas para homens e mulheres afro-brasileiras (os) contra o racismo, estereótipos e a desigualdade social, econômica e cultural. Duarte (2006) ressalta a importância da Antologia para os afro-brasileiros ao afirmar que “Escritos que têm nas antologias anuais do Quilombhoje exemplo de determinação e espaço de resistência dessas vozes. Vozes e falas lamentavelmente ainda pouco visíveis no sistema constituído pela literatura brasileira canônica.” (DUARTE, 2006, p.4).

Através dos *Cadernos negros* a cultura afro-brasileira é perpetuada pelas gerações, indo além, tornando-se um instrumento de luta contra o preconceito racial e social, como também é fundamental para mudar a literatura canônica através de divulgações de vozes silenciadas, deixadas à margem. Uma luta constante através de ideias capazes de fazer a diferença na qual as armas são as palavras.

Será exposto resumidamente o conteúdo do primeiro volume dos *Cadernos Negros* e o último publicado a fim de que o leitor obtenha um breve conhecimento desse principal veículo de produção literária afro-brasileira no país. Responsável em reparar as imagens e os pensamentos arraigados pela literatura e a história nacionais, interrogando a invisibilidade e a exclusão sofrida pelo negro (a).

Os *Cadernos negros* publicam nos anos pares poesia e nos ímpares contos, sendo que o primeiro caderno foi de poesia.

Figura 1: Lançamento dos *Cadernos Negros* 1 na Livraria Teixeira.



Lançamento do Cadernos Negros 1 na livraria Teixeira. Jamu Minka (autor) e o saudoso Fonseca Fernandes.

> Quando foi lançado, em 1978, o primeiro volume da série Cadernos Negros, que também era de poemas, trazia o projeto de uma nova identi-

> dade nacional a partir da literatura. A identidade, no entanto, é um proces-
> so, e seu projeto vai se modificando ao longo do tempo. Os textos deste volume 25, de certa forma, atualizam aquele projeto inicial. Aqui está em foco não só a experiência individual, mas também a coletiva, o fato de a maioria dos afro-descendentes estarem sujeitos a viver certas situações em virtude da origem...
> Nos *Cadernos* alguns temas foram se firmando: a religiosidade, a reflexão sobre a estética do corpo negro, o protesto contra a discriminação e, de uma forma cada vez mais constante, o tom mais intimista, o olhar para dentro de cada um, para as várias faces do sentir e do existir. (SILVA, 1985 *apud* ANTÔNIO, 2005, p.14)

Nessa edição, o tema foi a negrura, os poetas participantes foram: Henrique Cunha; Ângela Lopes Galvão; Eduardo de Oliveira; Hugo Ferreira; Célia Aparecida Pereira; Jamie Minka, Oswaldo Camargo e Luiz Silva (Cuti). Todos os poemas estavam voltados para a denúncia do racismo e de retomadas de um discurso identitário negro. O poema de Jamu Minka foi publicado no primeiro *Caderno negro* e procurou estabelecer uma aproximação com o continente africano, as militâncias e os acontecimentos históricos à temática negrura:

> Identidade
> Nasci de pais mestiços
> Fui registrado como branco
> Mas com o tempo a cor escura se fixou
> Negro, negrinho
> Você é negro sim,
> A primeira ofensa!
> Eu era negro sem saber
> Adolescente, ainda recusava minha origem
> Aprendi a ser negro o passivo, inferior
> Reagi: sendo esta raça assim,
> Não sou negro não!
> Recusei a herança africana
> Desejei a brancura
> Mais tarde soube
> A inferioridade era um mito
> A passividade uma mentira
> O conhecimento trouxe a consciência
> Aceitei minha negrice
> Me assumi!
> Encontrei uma bandeira
> Negritude!
> Identidade resgatada
> Ser negro é importante
> É se identificar com minhas raízes.
> (MINKA, CN1, p. 35 *apud* ANTÔNIO, 2005, p.37)

Os textos dos *Cadernos Negros* são criados por vozes militantes que procuram discutir a exclusão do afro-brasileiro em todos os âmbitos, principalmente a definição e a exclusão do negro na literatura. Os cadernos são ferramentas para pensar as consequências do racismo e as formas de solução para alguns problemas causados pelas ideologias racistas, os discursos produzidos pelos escritores dos Cadernos vêm em contraposição ao racismo. Segundo Florentina Souza, professora de Literatura Brasileira e pesquisadora dos *Cadernos Negros*:

> Os textos dos CN podem ser lidos como depoimentos criativos de uma geração de escritores que reivindica um espaço para a voz negra na vida cultural e literária brasileira. Para tanto, tematizam vários aspectos da vida cotidiana do afro-brasileiro em particular, tais como a necessidades de construções de origem africanas de discriminação e preconceito racial na escola e trabalho- problemas decorrentes da sistemática exclusão do negro dos direitos de cidadania. (SOUZA, 2005, p. 127 *apud* PEIXOTO e PEREIRA)

Segundo Elizabeth Lima, os *Cadernos negros* vêm romper com um discurso literário que não representava os negros, pois, o seu objetivo foi e continua sendo a "visibilidade à literatura afro-brasileira, legitimando sua voz, propondo uma revisão do cânone e colocando em cena escritores que não conseguem publicar no circuito oficial das editoras". (LIMA, 2014, p. 68).

2.2. AUTORIA E REPRESENTAÇÃO DE SI

A afirmação da existência de uma democracia racial no Brasil não é mais aceita, visto que é um discurso extremamente equivocado. Diariamente os negros vivenciam condições de marginalização, isso reflete no âmbito da literatura quando se trata de representação e acesso.

Na literatura não é diferente, em virtude de ser um lugar demarcado por poder e intelectualidade. Por isso, aceitar um homem negro e/ou uma mulher negra como pensadora e produtores de conhecimentos é ir de encontro aos discursos de superioridade constituídos desde período escravocrata e perdurando mesmo depois da desagregação da sociedade escravista. A invisibilidade e o silenciamento da voz negra acontecem em todos os âmbitos da sociedade, como demonstra Neusa

Santos Sousa no texto *Tornar-se Negro* (1983, p.19): “A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior ”.

A invisibilidade de escritoras e escritores negros é notória na literatura brasileira. Mas, apesar desta invisibilização e da tentativa de silenciar o grupo, eles resistem por meio da escrita. Se apropriando da linguagem, do discurso, embora a sociedade imponha barreiras para dificultar o desenvolvimento da ação de escrever, a escrita tem sido uma grande aliada dos escritores afro-brasileiros (as). Assim é importante salientar que:

> No caso, o sujeito que escreve o faz não apenas com vistas a atingir um determinado segmento da população, mas o faz também a partir de uma compreensão do papel do escritor como porta-voz de uma determinada coletividade. Isto explica a reversão de valores e o combate aos estereótipos, que enfatizam o papel social da literatura na construção da auto-estima dos afro-descendentes. (DUARTE, 2011, p. 20)

Ao se apoderarem do discurso, tomam o poder, que era apenas dos brancos. Resistindo ao processo de silenciamento por meio da escrita, escrevendo sobre si, do lugar onde está falando, discursando sobre sua cultura, descontruindo o discurso literário tradicional da literatura brasileira constituída através do eurocentrismo.

O acesso à escrita e à educação chegou tardiamente para os negros, o que veio restringir, mas não impedir, o surgimento de escritoras e escritores. A escrita nas mãos de negros e negras passa a ser uma ferramenta para alcançar visibilidade, reivindicar o reconhecimento da identidade e das diferenças presentes na sociedade brasileira.

Os movimentos negros desde a década de 1970 foram importantes para as conquistas de direitos e políticas públicas, os movimentos sociais incentivaram as modificações do cenário excludente e inferior constituído desde a colonização do país, através de leis que permitiram a comunidade negra ter acesso a espaços sociais antes frequentados apenas por brancos.

A literatura afro-brasileira é um espaço no qual são apresentados outros panoramas para o público leitor que se autodeclara afro-brasileiro e que necessita de um novo cenário para sua comunidade cansada de ficar à margem da sociedade.

A Lei 10639/03 obriga as escolas a incorporarem em sua prática a diversidade étnica de seu país, em virtude da ausência de produções literárias produzidas por negros (as) nas universidades, pois o que predomina são obras literárias canonizadas em que as representações da negritude são estereotipadas.

Muito antes da criação de Leis, escritores escritoras como Luiz Gama, Maria Firmina dos Reis e Cruz e Souza foram importantes e responsáveis pela divulgação da literatura feita por negros, apesar de pouca circulação das escritas desses autores.

A literatura afro-brasileira vem ganhando espaço e reconhecimento em função da militância cultural e política de autores e autoras negros que reclamam seus direitos. Atualmente, as vozes negras aumentaram, chamam atenção e reclamam o seu lugar e o direto de falar como também de ser ouvida. Em entrevista dada ao grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (UnB**)**, Lívia Natália, baiana, poeta, autora de *Água negra*, de 2011, foi questionada sobre a importância de se autodeclarar autora negra dentro do campo literário brasileiro e se isso demarcava ou aprisionava?

> Eu acho que ser uma autora negra demarca de onde eu falo, porque eu posso ser uma escritora simplesmente, sem me comprometer de maneira nenhuma com todas as questões raciais, mas essa não sou eu. Não seria o que Lívia Natália é. O que eu sou é uma mulher negra escrevendo. Então, toda vez que eu escrevo, mesmo que eu não esteja falando diretamente, frontalmente, sobre as questões relativas ao racismo, de alguma maneira, meu texto é um texto racialmente marcado pelo lugar de fala. É uma mulher negra falando, antes de tudo. É uma filha negra falando. É uma amante negra falando. O tempo inteiro o "negra" está colado a tudo que faço, a meu gesto, ao modo como me visto, ao modo como penso, ao ser intelectual negra. Eu sou uma professora, então todo meu trabalho intelectual também circula muito pela questão da negritude. (2017)

No entanto, há dificuldade na produção literária tanto na representação quanto no acesso. Esses escritores e escritoras resistem por meio da escrita, apoderando da linguagem, do discurso, resistindo ao silenciamento de suas vozes. Mas o problema não é apenas para os escritores e escritoras negras no país, também existe uma imensa dificuldade para público que se auto declarar negro, pois as obras produzidas por esse grupo são de difícil acesso. As grandes editoras não

oportunizam publicações e nas livrarias do país são poucas que tem uma prateleira como referência literatura afro-brasileira/ negra, sem contar com a falta de opções para o público consumidor que anseia por textos que lhe represente.

O público negro está saturado de literatura branca em que o sujeito negro não passa de objeto, ele clama por textos que exaltem as características negras que por muito tempo foram apresentadas como atributos negativos, por isso o sujeito negro muitas vezes preferia esconder essas características, não se identificando como negro diante de uma sociedade racista. A literatura negra surgiu para descontruir o discurso branco e racista, oportunizando muitas pessoas afro-brasileiras a terem esperança e ferramentas para lutarem e não se condicionarem a uma sociedade desigual, tornando uma alternativa para alavancar os grupos que ficam à margem esperando a oportunidade de mostrar as potencialidades intelectuais que são recusadas pelas grandes editoras e meios de circulação como a universidade, assim, a internet virou um meio alternativo para a divulgação e circulação de textos como forma de resistência:

> O preconceito de cor não é nada mais do que um ódio irracional de uma raça por outra, o desprezo dos povos fortes e ricos por aqueles considerados inferiores, e depois o amargo ressentimento daqueles que foram submetidos e injuriados. Como a cor é o sinal exterior mais visível da raça, ela tornou-se critério através da qual homens são julgados sem se levar em conta sua educação e seu nível social. As raças de pele clara chegaram ao ponto de desprezar as raças de pele escura e estas se recusam a continuar aceitando a condição humilde que se lhes pretende impor (SIR ALAN BURNS, s/d, p. 14 apud FANON, 2008, p. 110)

A demarcação é invisível, mas está lá, separando o eu (branco) e o outro (negro) que sofre a discriminação de forma violenta. É uma realidade: alguns brancos se consideram superiores aos negros, e essa e outras afirmativas produzidas pela sociedade provoca os afro-brasileiro (a) a produzirem uma escrita empoderada e fazer circular as obras produzidas em diferentes públicos tanto negros quanto brancos, transformando a literatura produzida por eles também em uma ferramenta de transformação de pensamentos e sentimentos, ressignificando os estereótipos e ideias negativas construídas ao longo da história contra o povo negro.

Fanon (2008) salienta, “Mas é também uma realidade: muitos negros querem demonstrar aos brancos, custe o que custar, a riqueza de seus pensamentos, a força comparável de seus espíritos “ (FANON, 2008, p. 27). Logo, a busca constante em demonstrar uma realidade diferente pela autoria negra e representação de si vem ganhando espaço na literatura afro-brasileira, trazendo autores e autoras resistentes, deixando o papel de vítima e assumindo a postura de sujeito compromissado. O poeta afro-brasileiro Elio Ferreira na entrevista concedida ao grupo Quilombhoje, afirma: “Escrever é uma maneira de falar para o mundo, contar a história dos meus antepassados negros e a minha própria história, influindo e participando na transformação da sociedade através da denúncia contra as violências racial e social.” (2008)

O eu- enunciador que se quer negro como menciona Zilá Bernd, se mostra orgulhoso de sua ancestralidade e cultura. Mas quando o escritor negro se diz negro em seu texto, precisa ter consciência na repercussão que isso causará. Pois, o branco, “historicamente foi hostil” (CUTI, 2010, p.51), sendo um desafio para o escritor/ escritora negra enfrentá-lo. E não dizer-se negro como uma estratégia para serem aceitos como fizeram muitos escritores, pois ao afirmarem sua negritude estão detendo o controle do próprio destino e produzindo outro discurso.

Há autores negros e negras que afirmam sua identidade afro-brasileira, enfrentando os desafios impostos pela sociedade racista, mas também há autores (as) que sussurram sua identidade dentro dos limites colocados pela sociedade branca e autores que não se identificam em nenhum momento.

O precursor, Luiz Gama, considerado por alguns estudiosos como Cuti (2010), o divisor de águas no que tange à configuração do “eu” lírico negro, seguido de Cruz e Souza, Lima Barreto e Maria Firmina dos Reis exprimiram em seus textos o desconforto causado pelo preconceito racial, porém, isso se deu de forma solitária, consequências da sua afirmação racial e sua crítica contra o racismo. Suas experiências serviram como base para suas escritas constituírem em seus textos um sujeito negro, diferenciando dos outros textos escritos na época. Esses autores denunciaram escritores brancos que se afirmavam afro-brasileiros que falavam de negros em seus textos, mas não se posicionavam com tal. Construíam personagens negros (as) com intuito de promover a inferioridade racial e estereótipos como a

sexualidade exagerada e justificar a realidade do afro-brasileiro durante e após a escravização, uma imagem supostamente agradável aos olhos do leitor branco.

Escritores e intelectuais afro-brasileiros dão continuidade à tradição de criticar o preconceito racial e a marginalização que o povo negro sofre, fundando grupos, coletâneas de textos literários, como, por exemplo, os *Cadernos Negros* e o mais recente *projeto enegrescência.* Na atualidade, muitos escritores afro-brasileiros (as) encontram nesses novos suportes meios de falar de si, representando positivamente a população negra, dando voz e tirando da sombra as tradições africanas e as experiências vividas diariamente pelos afro-brasileiros.

O poema *Onde o espelho?* De Lívia Natália é uma das produções divulgadas pelo projeto enegrescência e em outros circuitos alternativos em que o projeto utiliza para publicação a plataforma Facebook e os saraus:

Onde o espelho?

Para minhas irmãs negras

Este cabelo que lhe vai liso sobre a carapinha,
é o simulacro infeliz do que não és.

(Ao vestir-se com a pele do inimigo
o que de ti silencia e se perde?
Quantos animais conheces
que assim o fazem senão para reagir?)

Este cabelo pesa desfeito sobre sua carapinha.
Veste-a como um manto impuro
abafando o preto caracolado
sobressi dobrado:
filosófico.

Os fios se endurecem como cavalos açoitados,
e bradam da morbidez desta couraça
que te mascara branca.

Este cabelo requeimado e grotesco
sepulta o que em ti há de mais belo.
A dobra também é uma forma
de Ser.

(Lívia Natália, 2014, p. 145).

São escritas em o que o público negro encontra-se representado tanto esteticamente quanto em seu cotidiano. Os escritores/ escritoras têm se apoderado

de espaços como a internet para apresentar outras formas de representação. Deste modo, esses textos “ajudam” a eliminar e problematizar os conteúdos discriminatórios que permanecem circulando o imaginário brasileiro através de circuitos oficiais como a mídia e os livros didáticos. Assim, Conceição Evaristo evidencia que:

> Entretanto, com bem menos visibilidade, existe, no interior mesmo da literatura brasileira, uma gama de produções que vêm se afirmando, aos poucos, como um discurso diferenciado ao compor personagens negras e seus enredos. Discurso que subverte não só o sistema literário brasileiro, mas também contesta a história brasileira que prima em ignorar eventos relativos à trajetória dos africanos e seus descendentes no Brasil. (EVARISTO , 2009, p. 24).

Na literatura brasileira há vários escritores e escritoras afro-brasileiras, no entanto, continuam ignorados principalmente no âmbito educacional, pois ainda muitos pesquisadores e estudiosos da literatura “ignoram a existência de uma literatura afro-brasileira”. (EVARISTO, 2009, p.27). Logo, quando um homem e/ou uma mulher negra se posicionam como escritores (as), rompem com a subalternização imposta por uma sociedade racista. É preciso ressaltar que os escritores afro-brasileiros não podem ser reduzidos a uma temática única, como afirma Florentina Souza (2006), “o escritor afro-brasileiro fala também de si, seus anseios, amores, dissabores e, como toda e qualquer literatura, passeia por várias temáticas e seus textos não podem ser reduzidos a uma temática única”. Dessa forma os escritores/ escritoras afro-brasileiros (as) falam de si, de seu povo, de cultura como ressalta Florentina Souza:

> Assim os escritores e escritoras de origem afro-brasileira vão falando de si, de suas famílias, da história de seu grupo e rasuram a pretensa universalidade/ ocidentalidade da arte literária. Estabelecendo uma agenda temática que atenda ás suas demandas e jogue com o **doce e útil, a faca e flor, o riso e a raiva, a alegria e a dor, a memória e o presente, como** fazem todas as expressões artísticas. (SOUZA, 2006, p.9, grifo da autora)

Assim, o eu enunciador ganha força, funcionando como incentivo, melhorando a autoestima da população negra que tem acesso à literatura, transformando o discurso, em consequência disso, vai construindo uma nova

imagem positiva, cedendo confiança e visibilidade ao negro (a). Diferente do discurso literário que estereotipou o homem e a mulher negra, autores (as) como Lima Barreto, Luiz Gama, Maria Firmina dos Reis, Solano Trindade e atualmente com Cuti (Luiz Silva), Conceição Evaristo, Mirian Alves, romperam o cerco de desqualificação e se sobressaíram.

Vozes de autores/ autoras afro-brasileiras apresentam narrativas que foram apagadas por muito tempo, mas atualmente estão ganhando força através da literatura afro-brasileira/ negra, emergindo histórias esquecidas que dão entusiasmos à luta dos afro-brasileiros, rompendo com o silêncio e proporcionando outras representações, rasurando aos poucos as representações racistas da literatura brasileira canônica.

3. LITERATURA NEGRA: MODOS DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO

3.1. CIRCUITOS ALTERNATIVOS: PROJETO ENEGRESCÊNCIA

É sabido que os processos de escolhas dos textos a serem divulgados em setores sociais que tem o papel de formar leitor são processos de exclusão, pois, a produção literária afro-brasileira não tem os mesmos benefícios que os autores brancos. Fonseca (2006) discute sobre os mecanismos de exclusão ao afirmar que:

> [...] quando nos referimos à literatura brasileira, não precisamos usar a expressão “literatura branca”, porém, é fácil perceber que, entre os textos consagrados pelo “cânone literário”, o autor e autora negra aparecem muito pouco, e, quando aparecem, são quase sempre caracterizados pelos modos inferiorizantes como a sociedade os percebe. (FONSECA, 2006, p. 13).

Mas há mudanças que vêm acontecendo no decorrer dos anos com a militância dos escritores e escritoras afro-brasileiros em incluir a sua literatura nesses setores sociais, colaborando com um olhar diferente, sem inferiorização, oferecendo uma nova característica para a população negra.

É fato que os produtos literários, sejam da literatura brasileira ou de outras literaturas se transformaram em mercadoria em circulação, desde que surgiu o mercado e o consumidor. Qualquer obra literária para ser aceita nessa relação de consumo precisa assumir um formato palatável do gosto do mercado. Nesse

sentido, o olhar hegemônico da crítica literária e dos editores não recebe bem a literatura afro-brasileira, pois o ponto de vista negro é exposto no texto. Apesar de estarmos no ano de 2018, essas produções continuam tendo uma significação menor e ficando à margem do que é considerado literatura por alguns críticos.

Diante das dificuldades encontradas pelos escritores/escritoras afro-brasileiras no mercado para a publicação e circulação de suas obras, como viabilizar a circulação das obras afro-brasileiras?

Sempre houve afro-brasileiros (as) atuante na literatura, mas sem reconhecimento, isso acontece por vários motivos, como a divulgação, os escritores e escritoras afro-brasileiras que escrevem literatura afro-brasileira encontram dificuldade em concretizar a escrita em livros, como afirma Duarte no *Portal Literafro* (2004):

> Desde o período colonial, o trabalho dos afro-brasileiros se faz presente em praticamente todos os campos da atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento devido. No caso da literatura, essa produção sofre, ao longo do tempo, impedimentos vários à sua divulgação, a começar pela própria materialização em livro. Quando não ficou inédita ou se perdeu nas prateleiras dos arquivos, circulou muitas vezes de forma restrita, em pequenas edições ou suportes alternativos. Em outros casos, existe o apagamento deliberado dos vínculos autorais e, mesmo, textuais, com a etnicidade africana ou com os modos e condições de existência dos afro-brasileiros, em função do processo de miscigenação branqueadora que perpassa a trajetória desta população.

Consequentemente, os escritores/escritoras negras trabalham sem recursos, enfrentando as barreiras impostas pelo mercado, valendo-se da alternativa do autofinanciamento. Perante as dificuldades encontradas, as participações em redes de publicações são ferramentas fundamentais para a divulgação e circulação de seus textos. Além disso, eventos como saraus, se configuram como meios alternativos para o grupo afro-brasileiro que deseja falar, escrever, editar e circular suas obras, sendo assim uma forma de resistência. O surgimento das tecnologias digitais proporcionou algumas iniciativas nos circuitos de produção literária, como o *Projeto Enegrescência*. Dessa maneira, a internet é um campo de divulgação para a literatura e, acima de tudo, a literatura produzida por negros (as).

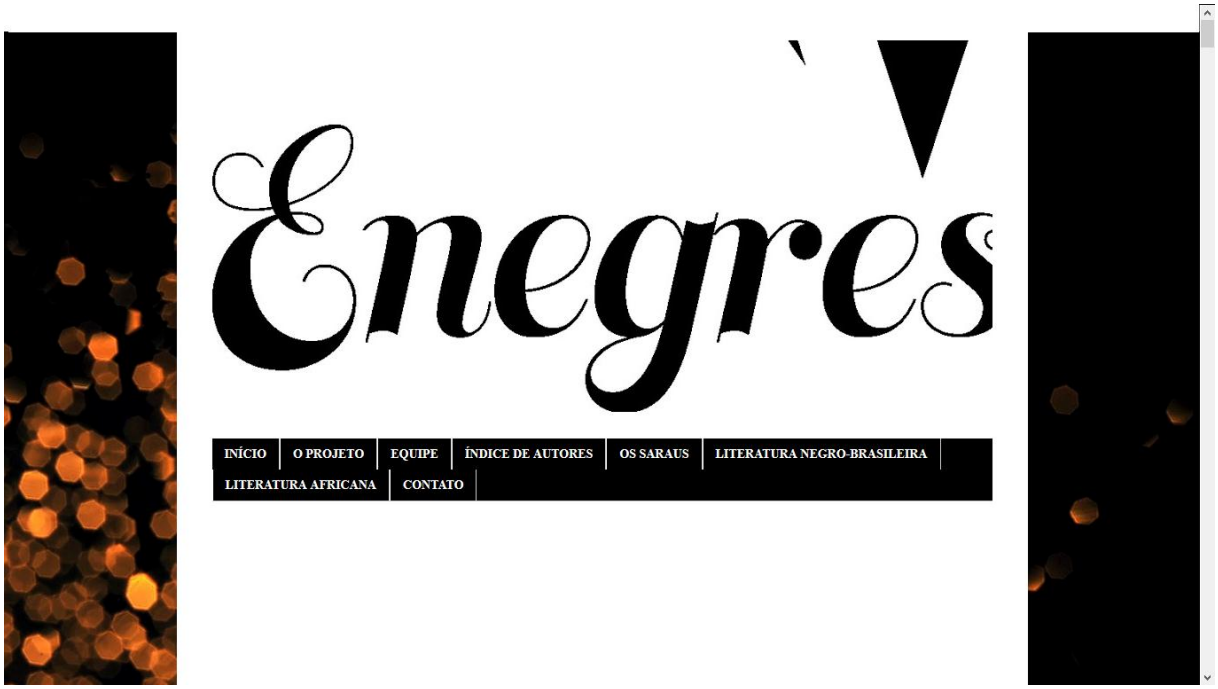
Não há dúvida que existem bloqueios editoriais em relação aos escritores negros/negras, motivando esses escritores (as) afro-brasileiros a encontrarem formas alternativas como publicações em blogs, nas redes sociais como Facebook,

Instagram e eventos presenciais, como os saraus. Essas ações de resistência, não são novidades, visto que os escritores negros da década de 1970 procuravam meios alternativos para divulgarem suas obras, como publicar em jornais de imprensa negra, fazendo circular seus textos de várias maneiras:

> A produção literária negra procurou formas alternativas como impressão de poemas em mimeógrafo e xerox, sendo estes trabalhos distribuídos em filas de teatro, cinemas, shows etc., sempre a preços módicos, pois o autor não gastava muito e o que mais lhe interessava era veicular sua poética. [...] (FILHO, 1987, p. 46 *apud* SANTOS).

A produção literária afro-brasileira sempre buscou e busca ainda hoje diferentes alternativas para sobreviver. No início do século XXI, o computador encontra-se atrelado praticamente a todas as atividades produzidas pelo homem e a mulher, sendo a literatura uma das atividades que se destacam entre elas. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mais de 100 milhões de brasileiros têm acesso à internet. A internet se tornou uma ferramenta importantíssima para escritores (as) afro-brasileiros (as) como forma de alcançar esse público, esses autores (as) negro (as) passaram também a utilizar este que é o meio mais “democrático” de produção.

A internet e suas redes sociais se tornaram ferramentas importantes para a divulgação, venda e meio de visibilidade, como o *projeto enegrescência.*



O *projeto enegrescência* criado no ano de 2014 por escritores baianos, com a finalidade de divulgar as obras literárias afro-brasileiras, através de acervo digital de obras e de saraus. No portal *Geledés,* David Alves Gomes comenta sobre a importância do projeto e de sua finalidade.

O projeto é composto pelos escritores David Gomes, Fábio Cunha, Gonesa Gonçalves e Lidiane Ferreira, tendo como objetivo estabelecer um diálogo intelectual como a comunidade baiana que em sua maioria não tem acesso a produções de autores afro-brasileiros, para isso, realizam saraus, criação de blogs literários, administram páginas no Facebook, Instagram:

> A existência de acervos digitais com essa perspectiva é importante como mais uma estratégia de enunciação desses autores no âmbito virtual, no qual há inúmeras páginas dedicadas à literatura canônica brasileira (composta em sua maioria por homens brancos), e poucas (ou pouco acessadas pelo público em geral) dedicadas às literaturas negra e africanas, excluindo grande parcela de escritores e escritoras afro-brasileiros(as) e africanos(as). (ALVES, 2015)

No blog são encontradas obras de vários escritores como Conceição Evaristo, José Carlos Limeira e Luiz Silva (Cuti). O projeto não é apenas para divulgação de escritores afro-brasileiros conhecidos no meio literário afro, ele também oportuniza a qualquer escritor que possua um recorte racial em sua escrita. O critério básico é enviar para o e-mail do projeto, que passará por uma análise e a partir do aceite, poderão publicar no acervo digital, oportunizando assim visibilidade a escritores e escritoras poucos conhecidos que vivem no anonimato.

O Sarau Enegrescência é a principal atividade do Projeto Enegrescência. É utilizado para recitar poemas ou contos. A intenção é incentivar a interculturalidade por meio da literatura e das artes em geral e construir uma sociedade menos desigual e menos hierarquizada. O projeto tem a pretensão de divulgar obras não estereotipadas afro-brasileiras e africanas como uma forma de mudar o olhar dos brasileiros ainda arraigado aos estereótipos. O projeto, portanto, é um suporte literário afro-brasileiro.

A coletânea Poética Enegrescência é produto de um concurso literário, que contou com a participação de críticos e de escritores na comissão de seleção, e contemplou poemas inéditos idealizado pelo *Projeto Enegrescência* e publicado pela Editora Ogum's Toques Negros (2016).

http://www.editoraogums.com/produto/coletanea-poetica-enegrescencia/

Lidiane Ferreira, além de ser organizadora tem seus poemas publicados no livro Enegrescência Coletânea Poética (2016) e no portal soteropreta comenta sobre sua escrita com a temática negra. Segundo a escritora, a literatura é a temática que escolheu. As suas produções literárias atualmente discorrem do lugar de mulher negra e sua escrita é símbolo de luta contra o racismo, machismo e sexismo. Hoje ela pode divulgae sua escrita, mas não foi sempre assim:

> O racismo fez com que, por muito tempo, eu escondesse a minha escrita. Faz cerca de dois anos que eu os divulgo. Tenho poemas publicados na Antologia Poética do Servidor Público Estadual (2015) e no livro Enegrescência Coletânea Poética, publicado pela Editora Ogum's Toques Negros (2016).

Segundo Ferreira, sua escrita é utilizada como uma arma e retrata a vivência do povo negro e almeja influenciar mudanças sociais. Com isso, resultou no coletivo Enegrescência, criado junto com outros colegas.

http://portalsoteropreta.com.br/poesiasoteropreta-lidiane-ferreira-poesias-desenhadas-na-imaginacao-por-valdeck-almeida/

Desenlace

No emaranhado dos fios o tempo,
pentes desembaraçam nós.
E eu rio
escorrendo maçãs
abaixo
Estiagem: trinco nunca mais aberto.

(Lidiane Ferreira, 2017)

O uso da internet é uma estratégia para divulgar a escrita de autores e autoras afro-brasileiras e um meio alternativo de contato com o público leitor e pesquisadores. Logo, a utilização desse meio alternativo é importante para as obras afro-brasileiras serem conhecidas e divulgadas, nele os autores expõem seus textos para circular nas redes sociais:

> Mesmo não estando no circuito das edições formais, a Literatura negra percorre caminhos paralelos aos institucionalizados pela indústria cultural e distantes dos cânones acadêmicos; divulga e imortaliza não só os textos como alguns de seus autores. Ultimamente, tal atitude tem sido ampliada através do vasto território da internet. (ALVES, 2010, p.48 *apud* SANTOS).

Os circuitos alternativos de publicação e de circulação por meio da internet demonstra resistência às dificuldades impostas pelas editoras e a falta de obras afro-brasileiras nas prateleiras das grandes livrarias. Os escritores e escritoras procuram outros meios de divulgação, sendo a internet o meio para isso acontecer, criando assim outros meios para serem lidos.

Publicar na internet é atraente para muitos autores (as), pois é um suporte que colabora de várias maneiras, como a publicação gratuita, tornando-se um espaço importante para a circulação da literatura afro-brasileira/ negra. Desse modo, muitos escritores passaram a ser conhecidos e conseguiram publicar textos por editoras através de projetos como o Enegrescência, que utiliza as redes sociais e outros meios de divulgação para anunciar textos e autores afro-brasileiros.

Essa atitude de utilizar o suporte digital é um modo alternativo diante das dificuldades encontradas para a publicação de livros impressos de suas obras por grandes editoras e o anseio do público afro-brasileiro/negro por textos com a temática negra, nos quais não é possível encontrar estereótipos e tanto a mulher negra quanto o homem negro são valorizados pela sua cultura, seu perfil e seu povo.

É fato notório que o número de livrarias e de bibliotecas no país é reduzido, por isso, publicar e divulgar as obras na internet permite às pessoas interessadas na literatura afro-brasileira terem acesso, basta para isto ter um computador, tablet ou celular com acesso à internet.

A invisibilidade da literatura afro-brasileira acontece por meio de vários fatores, sendo assim, a existência das redes sociais e de eventos como os saraus para divulgar a literatura afro-brasileira configuram-se como formas de burlar as vias institucionalizadas. A utilização de circuitos alternativos torna-se uma estratégia de inserção no campo literário e no mercado editorial pelos escritores (as) negros (as).

Esses modos alternativos de produzir, publicar e circular os textos afro-brasileiros estão elevando o número de escritores (as) que se utilizam dessas ferramentas, como também o acesso a esses circuitos aumentam a cada dia. Segundo Lima, a internet é “espaço de escrita, interação, difusão. Circulação e recepção de seus textos” (LIMA, 2015, p. 262).

Além dos circuitos alternativos como o Projeto Enegrescência, surge como forma de apoio e divulgação de obras afro-brasileiras as editoras voltadas especificamente para a publicação de obras afro-brasileiras/negras.

3.2. MERCADO EDITORIAL: VERSÕES E (IM)PRESSÕES

Apesar da existência dos novos suportes como as redes sociais, ainda permanece sendo importante o papel da editora como mediação entre o escritor (a) e o público leitor. Publicar em editoras físicas continua sendo um problema comum para escritores brancos, mas a dificuldade de acesso a este meio é maior quando se trata de autor (a) negro (a). A aprovação de obras afro-brasileiras por grandes e famosas editoras estão além da vontade do autor (a) e da qualidade da obra.

Segundo a pesquisa divulgada em 2012 pelo Grupo de Estudo de Literatura Brasileira Contemporânea da UNB, “Literatura Brasileira Contemporânea: Um Território Contestado”, o perfil de escritor preferido pelas grandes editoras brasileiras revela que 93,9% dos autores publicados são brancos, 72% do sexo masculino, foram analisados centenas de romances publicados entre 1990 e 2004.

Desse modo, para publicar e se tornar visível, o autor (a) negro (a) precisa construir seus circuitos editoriais, por isso, a criação de meios alternativos é necessário para introduzir a literatura afro-brasileira nesse meio de publicação. Os escritores (as) reconhecem que não é fácil: “Tendo dificuldades para publicar em editoras grandes, escritores não-brancos encontram seu “nicho” de leitores em editoras pequenas que, em sua maioria, são dirigidas por editores não brancos”. (DANTAS, 2009, p. 49).

As dificuldades de publicação que sempre existiram começam a tomar um novo rumo a partir da criação, nas décadas finais do século XX, de editoras com o recorte de literatura afro-brasileira/negra. Em 1978, surgiram os *Cadernos Negros,* primeira tentativa de publicação coletiva e com o passar do tempo, surgiram tantas outras com a finalidade de fazer circular textos afro-brasileiros e de resistência ao excludente mercado editorial brasileiro. Editoras, como a Ogum’s Toques Negros e Malê publicizam a literatura produzida por negros e negras.

Dessa forma, os negros (as) se organizam e criam editoras coletivas, para conseguir produzir, divulgar sua própria cultura e história, promovendo e revelando autores negros, que se assumem e escrevem como negros. As novas editoras têm

possibilitado a publicação de autores sem precisar se submeter aos filtros das grandes editoras, como aponta Cuti:

> as editoras, por exemplo, têm o que chamam de “linha editorial”, demarcadora dos parâmetros de suas exigências para os que nela procuram a publicação de seus escritos. Essa “linha” norteia a(s) mensagem(ns) a ser(em) veiculada(s) de forma impressa e em determinados formatos. Assim como existe a tal “linha” orientando o crivo (a escolha) entre os títulos a serem publicados ou não, também, posteriormente, haverá a seleção do que, estando disponível no mercado, deve receber o aval da publicidade ou da cumplicidade dos meios de comunicação e do Estado para redundar em leitura. (CUTI, 2010, p. 48-49).

A Editora Ogum’s Toque Negros surgiu nas redes sociais a partir de postagens literárias, ganhando popularidade entre o público alvo, o que ocasionou no lançamento, em 2014, do primeiro volume da coleção dos textos postados. Uma publicação coletiva de escritores (as) negros (as) que chegou ao mercado editorial rompendo com os padrões seguidos pelas editoras tradicionais e conhecidas no país, totalizando mais de 10 livros publicados pela Ogum’s Toques Negros. Segundo os organizadores, Guellwaar Adún, Mel Adún e Alex Ratts, a criação da Editora foi necessária:

> a Editora Ogum´s nasce da falta. Da falta que sentimos ao entrar numa livraria de médio ou grande porte e não encontrar talentos como Conceição Evaristo, Oswaldo de Camargo, Geny Guimarães, José Carlos Limeiras e tantxs outrxs que, há muito, se dedicam à arte e o exercício da escrita; ao desafio da linguagem. [...] A Editora Ogum´s nasce tendo como missão, publicar prioritariamente escritoras negras e escritores negros do Brasil e diáspora africana (s/d)

A primeira obra publicada de Ogum’s apresenta ao público autores e autoras negras como Lívia Natália, José Carlos Limeira, Julia Couto, Henrique Freitas, entre outros..

A editora Ogum’s Toque Negros vem a cada dia firmando sua visibilidade no meio editorial, em virtude da intensa divulgação nas redes sociais, que além de divulgar seus textos, tem como objetivo formar um público leitor.

A editora Malê colabora com a publicação e divulgação de autores(as) afro-brasileiros/negros, o seu primeiro lançamento foi em junho de 2016. A ideia de criar a Malê nasceu da experiência de Vagner Amaro de tentar construir um acervo de autores negros na escola:

> Tive até certa facilidade em encontrar livros de autores africanos, e de brasileiros que já fazem parte do cânone literário, mas não os livros escritores negros contemporâneos. Descobri que muitos estavam fora de catálogo, outros faziam impressões independentes. A dificuldade para acessar esses livros era, e, em muitos casos, ainda é muito grande. (AMARO, 2017)

A ideia da criação da editora consistiu em contribuir para amenizar o problema da ausência de livros escritos por afro-brasileiros/ negros nas livrarias e nas bibliotecas. Além disso, A editora organiza oficinas, festas, promove o prêmio Malê da Literatura, tudo voltado para proporcionar visibilidade ao autor negro (a) e também incentivar o hábito de leitura.

Editora Malê

Em 2017, o prêmio APCA, na categoria produção literária, premiou o livro de poesias *Dia bonito pra chover*, de Lívia Natália e o livro infantil *Calu: uma menina cheia de histórias*, de Luciana Palmeira e Cassia Vale, os dois livros foram publicados pela editora Malê. Sem dúvida, essas publicações demarcaram a visibilidade e o reconhecimento da literatura afro-brasileira/negra,

É necessário reconhecer, contemporaneamente, que a tecnologia é importante para a realização das publicações coletivas, como suporte de divulgação

e estratégia de circulação dos escritos a fim de alcançarem um grande número de leitores. A partir do reconhecimento e de vendagens significativas será possível viabilizar a publicação dos coletivos negros em grandes editoras, pois estão sempre preocupadas em captar leitores-consumidores, não importando a condição étnica ou social, o importante para este segmento é consumir.

Conceição Evaristo, por exemplo, estreou na literatura em 1990, ao publicar na série *Cadernos Negros,* desde então, vem alcançando cada vez mais leitores, atualmente a escritora publica na Alemanha, Inglaterra e nos Estados Unidos da América. Seus textos são objeto de pesquisa em universidades brasileiras e no exterior.

As dificuldades que os negros (as) encontram em publicar suas obras, divulgar, estar na mídia e ter visibilidade são inúmeras. Os autores (as) buscaram e buscam formas criativas de divulgar seus textos, seja pela internet, pela auto publicação ou em publicações coletivas como as de Ogum's Toques, Malê e Enegrescência, visto que são meios alternativos de produzir, resistir, buscar novos públicos, ampliando assim a diversidade do mercado editorial com publicações de autores (as) e obras que se identificam como negros (as).

Apesar dos avanços que os escritores (as) afro-brasileiros (as) obtiveram no decorrer das últimas décadas com as estratégias de produção, circulação e divulgação de suas obras como forma de resistência ao silenciamento, ainda se faz necessário maior visibilização e reconhecimento. São muitas dificuldades encontradas no percurso, mas a resistência acontece a partir dos circuitos alternativos de publicação, seja individual ou coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vozes afro-brasileiras sofreram e sofrem até hoje silenciamento e marginalização em virtude da imposição do cânone literário brasileiro, influenciado, por sua vez, pelo histórico escravocrata do Brasil, que reverberou na cultura e consequentemente na literatura. Circunstâncias que alijaram a escrita negra do reconhecimento da crítica literária, do público leitor e por consequência, do mercado editorial tradicional. As dificuldades são inúmeras quando se trata da recepção de produções afro-brasileiras. No entanto, os (as) escritores (as) afro-brasileiros (as) vêm buscando alternativas para publicar, divulgar e circular seus escritos.

Historicamente, o (a) escritor (a) afro-brasileiro (a) sempre esteve à margem da Literatura brasileira, sofrendo a ocultação de sua voz e cultura, sendo mencionado apenas como objeto e não como sujeito de seu próprio discurso. Desde o século XIX, os escritores negros vêm buscando construir um contradiscurso como forma de resistência às imposições da cultura e da literatura oficial, dentre os principais militantes da causa literária negra destacam-se, Luís Gama, Solano Trindade, Abdias Nascimento, entre outros.

E quando se trata da literatura produzida por negros (as) emerge uma indagação, qual terminologia utilizar? Dentre as mais utilizadas temos, **Literatura afro-brasileira** e **Literatura negra**, cada nomenclatura possui um conceito, defendido por estudiosos diversos. A despeito dessas polêmicas em torno do termo a se utilizar, o mais importante é o papel dessa literatura como lugar de fala dos afro-brasileiros que por muito tempo foram representados de forma preconceituosa e sem direito à autorrepresentação.

O mercado editorial não está fora desse jogo de exclusão, mas a luta para acessar os circuitos tradicionais é constante, apesar das dificuldades e da invisibilidade de divulgação das obras afro-brasileiras e seus respectivos (as) autores (as). Por isso, ao longo de muitas décadas, os escritores (as) negros (as) reclamam o seu lugar de fala. Militando nesse sentido, a série *Cadernos Negros* demonstra uma história de sucesso, pois foi criada em fins da década de 1970 como um circuito editorial alternativo direcionado à produção literária de escritores (as) afro-brasileiros (as) e, atualmente, continua sendo publicada de forma coletiva com o intuito de lutar contra as instâncias de poder que deixa o (a) negro (a) à margem da

sociedade e da cultura oficial. Com o advento da internet, os *Cadernos Negros* passaram também a atuar nesse espaço que abriga inúmeros projetos de militância cultural negra, como o *Projeto Enegrescência.* Criado por meio das redes sociais, o projeto utiliza o suporte digital com o objetivo de fazer circular textos da Literatura afro-brasileira, assumindo ser um coletivo interessado em impulsionar a interculturalidade da literatura e das artes em geral. Esses coletivos negros buscam no ciberespaço democratizar a publicação, a circulação e a divulgação da escrita literária negra, e têm demonstrado o poder de mobilização e de alcance desses circuitos alternativos, que não precisam de crivos das instâncias institucionalizadas de poder.

Do mesmo modo surgiram as editoras **Ogum's Toques Negros** e **Malê**, que assumiram também a função de circuitos alternativos, em virtude de terem sido construídas na coletividade e com a propósito de dar visibilidade ao discurso produzido pelo (a) negro (a), sendo também uma ferramenta cultural de resistência às dificuldades impostas pela sociedade. As atuações dos projetos de coletivos, seja por meio da criação literária, seja por meio dos modos de publicação, demonstram que os negros (as) vêm se apropriando da potência de seu discurso para se tornar porta voz da coletividade negra através dos circuitos alternativos que funcionam como meios de divulgação e circulação da literatura afro-brasileira.

Portanto os circuitos alternativos tornaram-se uma solução estratégica para que os (as) autores (as) afro-brasileiros (as) produzam, divulguem e circulem suas vozes a partir de plataformas midiáticas que transformaram o modo de publicar e fazer circular os textos dos escritores (as) afro-brasileiros, ao visibilizar sua literatura e ampliar o acesso de um público leitor interessado em obras em que os (as) negros (as) sejam sujeitos de seus próprios discursos, destituídos de estereótipos e preconceitos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Tradução por Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

ANTÔNIO, Carlino Fausto. *Cadernos negros: esboço de análise*, 2005. 262 p. Tese (doutorado em Teoria Literária) – Universidade estadual de Campinas, SP, 2005.

ARRUDA, Beatriz. *A literatura negra como ato de resistência.* Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/sala33/a-literatura-negra-como-ato-de-resistencia/ >20 jun. 2018.

ATHIÊ, Joyce. *Literatura e representatividade*. Disponível em: <https://www.editoramale.com/single-post/2017/04/08/Literatura-e-representatividade> Acesso em 21 jun. 2018.

BERND, Zilá. *Literatura e Identidade Nacional*. 2 ed.. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2003.

BERND, Zilá. A questão da negritude. São Paulo: Brasiliense, 1984. *apud* Marcelino, Jacqueline Laranja Leal. *A voz e a vez do "outro":as literaturas afro-americana e afro-brasileira*. Literatura e voz subalterna: anais / organizadoras, Júlia Almeida, Paula Siega. - Vitória: GM, 2013. 671 p.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. São Paulo: Objetiva, 1995.

CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos.* 6 ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda., 2000.

COSTA, Aline. *Um pouco de história de Cadernos Negros período de 1978 a 2008 Uma História que Está Apenas Começando*. 2008. Disponível em: <https://issuu.com/mbantu/docs/historicotresdecadas> Acesso em 12 abril 2018.

CUTI (Luis Silva). *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DANTAS, Larissa de Araújo. Espaços de visibilidade: trajetórias possíveis no campo literário brasileiro. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-graduação em Literatura.). Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

DARONCO, Leandro Jorge. *À sombra da cruz:trabalho e resistência servil no noroeste do RS: segundo os processos criminais*. 1840-1888. Passo Fundo: EdiUPF, 2006.

DUARTE, Eduardo Assis. *Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira*. In: REIS, Maria Firmina, *Úrsula*. Minas Gerais: Editora Mulheres, 2004.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Cadernos Negros 38: tradição viva*. disponível em: < http://www.letras.ufmg.br/literafro/verAutor.asp?id=42> acesso em 25 de jun de

2018. _____. Por um conceito de literatura afro-brasileira. Vol. 4 Belo Horizonte: UFMG, 2011.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução Waltensir Outra; [revisão da tradução João Azenha Jr_]_ -6" ed. -São Paulo: Martins Fontes, 2006.

.EDITORA OGUM'S. *Somos Ogum's*. Disponível em: <http://www.editoraogums.com/somos-ogums/ > Acesso em 20 jun. 2018.

EVARISTO, Conceição**. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. _____. *Vozes-mulheres*. In Cadernos Negros, vol. 13, São Paulo, 1990.Disponível em<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/cultura/prosaepoesia/0151.html> Acesso em: 23 nov. 2016.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica?* In: SOUZA, Florentina, LIMA, Maria Nazareth (Org.) *Literatura afro-brasileira*. Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Afro-Orientais: Fundação Cultural Palmares, 2006, p. 12-13.

FREDERICO, G.; MOLLO, L. T.; DUTRA, P. Q. *"Eu sou uma mulher negra escrevendo": entrevista com Lívia Natália.* Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182017000200281 > Acesso em 19 fev. 2018.

GOMES, David Alves. *Projeto reúne acervo digital de poemas afro-brasileiros e africanos*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/projeto-reune-acervo-digital-de-poemas-afro-brasileiros-e-africanos/ > Acesso em 21 jun. 2018.

GOMES, Heloisa Toller *"Visíveis e Invisíveis Grades": Vozes de Mulheres na Escrita Afrodescendente Contemporânea"* Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/index.php?option=com_content&view=article&id=526&catid=29> Acesso em 29 jun. 2018.

Grupo Quilombhoje. *Elio Ferreira* . Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/248-elio-ferreira > acesso em 29 jun. 2018.

INSTITUTO LUIZ GAMA. *Quem foi Luiz gama?*. Disponível em <http://institutoluizgama.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=section&layout=blog&id=6&Itemid=41> Acesso em: 05 fev. 2017.

LIMA, Elizabeth Gonzaga, *Literatura, história e cultura afro-brasileira*. Salvador: EDUNEB, 2014.

MOREIRA, Fabio Martins,*O cânone literário brasileiro: preconceito e eugenia em o presidente negro, de Monteiro Lobato*, 2011.

O projeto. Disponível em:<http://enegrescencia.blogspot.com.br/p/o-projeto.html> Acesso em 20 jun. 2018.

OLIVEIRA, Tory. *Escritores negros buscam espaço em mercado dominado por brancos*. Disponível em:<https://www.cartacapital.com.br/cultura/escritores-negros-buscam-espaco-em-mercado-dominado-por-brancos> acesso em 29 jun. 2018.

SARAIVA, Alessandra. Disponível em: <https://www.valor.com.br/brasil/4513070/mais-da-metade-da-populacao-brasileira-acessa-internet-aponta-ibge. > Acesso em 01 jun. 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da literatura brasileira. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand *apud* SILVA, Darlene. *Jose de Alencar: (Des)construção da Identidade Nacion*al. SEPEXLE. UESC. Bahia, p.1-11, maio.2012.

SOUSA, Neusa Santos. *Tornar-se negro- As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Florentina da Silva. *"Os Cadernos Negros"*. In: Afro-descendência em Cadernos Negros e jornal do MNU. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.p. 95-111. *apud* PEREIRA, L. M. de S.; PEIXOTO, F. de L. *Literatura Brasileira e Literatura Afro-brasileira*. Disponível em:< http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Cul-hist%20afro-bras/Curso%20de%20Forma%C3%A7%C3%A3o/M%C3%B3dulo%203%20-%20Literatura%20Afro-Brasileira.pdf.> Acesso em: 22 jun. 2018.
REIS, Roberto. Cânon. Jobim, José Luis (org.): Palavra da crítica. Rio de Janeiro: Imago. 1992.

TORRES, Bolívar. *Nova no mercado, Malê promove escritores afro-brasileiros*. Disponível em: <https://www.editoramale.com/single-post/2016/11/19/Nova-no-mercado-Mal%C3%AA-promove-escritores-afro-brasileiros > acesso em 29 de jun. 2018.

VINTECULTURAESOCIEDADE. *Entrevista Com o Crítico Literário Ricardo Riso.* Disponível em: <https://vinteculturaesociedade.wordpress.com/2014/01/20/entrevista-com-o-critico-literario-ricardo-riso/ > Acesso em 19 março 2018.